

Ser barro nas Tuas mãos



« Alegres na Esperança, perseverantes na Oração »
Rm 12,12

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Baptista
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Alba Galvez (Missionária VDei)
Leonor Balcão Reis
Sofia Almeida
Susana Carreiro

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Ser barro nas Tuas mãos

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	Introdução ao mês de JULHO
10	6 Julho - Domingo XIV do T.C.
16	13 Julho - Domingo XV do T.C.
20	20 Julho - Domingo XVI do T.C.
24	27 Julho - Domingo XVII do T.C.
30	Introdução ao mês de AGOSTO
32	3 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
36	10 Agosto - Domingo XIX do T.C.
43	17 Agosto - Domingo XX do T.C.
47	24 Agosto - Domingo XXI do T.C.
52	31 Agosto - Domingo XXII do T.C.
56	Introdução ao mês de SETEMBRO
60	7 Setembro - Domingo XXIII do T.C.
67	14 Setembro - Domingo XXIV do T.C.
71	21 Setembro - Domingo XXV do T.C.
75	28 Setembro - Domingo XXVI do T.C.
	PARTE II Textos da Igreja
84	Santa Missa e Canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II - 27 Abril 2014
88	Regina Coeli - 18 Maio 2014
90	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

As tão ansiadas férias

O tão desejado Verão já cá está. Enfim, passaram esses meses frios e, às vezes, tristes num dia-a-dia em que há tanto trabalho, pouco tempo e muito cansaço. Mas, por fim, as férias chegam (tenho tantos planos!).

Há coisas pendentes que sempre digo a mim próprio, *farei isto quando tiver tempo*. Quero ler e consultar acerca de umas dúvidas do computador (não chego a saber como funciona o Windows 8), há cafés pendentes, também um jantar para uma certa noite de Verão.

Os amigos, a família, suplicam por uns dias com eles. A minha cabeça e o meu corpo pedem descanso.

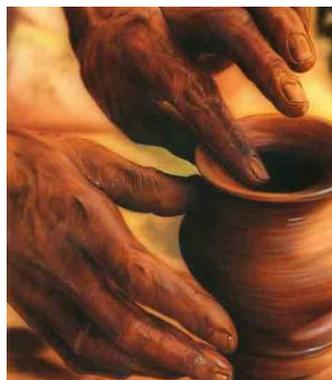
Tenho filmes interessantes que ficarão para outro dia e, ademais, tenho um casamento e devo ir às compras porque não tenho nada que vestir, não posso esquecer dois baptizados e vários aniversários.

Também gostaria de preparar um pouco as actividades do próximo curso, Meu Deus, que cansaço! Creio que tenho actividades para 3 ou 4 verões. Só pensá-lo cansa-me e angustia-me. Terão de ser assim as tão ansiadas férias?

Creio que devo parar, pensar, recapacitar-me, traçar prioridades, ainda estou a tempo: O que é que me pode ajudar a viver as férias de 2014 com mais qualidade, de modo a poder ser feliz e fazer felizes os que estão à minha volta?

Chegados a este ponto, recordo que, um dia, um amigo comentava comigo como começava ele as suas férias – sempre o faz com uma semana de retiro e inicia cada manhã do Verão com uma hora de oração. Parece que as pessoas não entendiam esse desperdício de tempo e lhe perguntavam porquê. A sua resposta era rápida e clara: “quero fazer a minha família feliz, transmitir-lhe a alegria de viver”. Não quero dar aos meus o meu cansaço. Na semana do retiro recupero a serenidade perdida no dia-a-dia, semeio no coração a bondade que se diluiu nos conflitos e a esperança esquecida nas dificuldades, encho-me de um silêncio e paz interior que restauram a minha vida dividida, à escuta da voz de Deus que me diz “*Eu sou o teu oleiro e quero modelar-te de novo*” (Cfr. Jer 18,1-5). A alegria volta à minha vida.

Começar o Verão assim equilibra-me, descansa-me, organiza-me, ajuda-me a eleger o principal, dá-me sensibilidade para as coisas pequenas, para os detalhes, para as vivências simples, para aquilo que passa por alto na lufalufa diária, limpa-me a alma e ajuda-me a abraçar a minha mulher e os meus filhos com autenticidade (continuou a contar-me o meu amigo). Relacionando-me assim com Jesus não perco dias e horas, nem as perdem aqueles a quem quero. Ao contrário, ganhamos todos em vida e carinho verdadeiro.



A todos os que estão lendo estas linhas, aconselho principiar a viver este Verão a partir do fundamental. Estabelece uns bons alicerces de fé, conta com Jesus, convida-O para um café matinal em que ponham a vossa conversa em dia, diz-Lhe que queres ser feliz e que queres transmitir alegria a todos, deixa que venha a dar-te vida - e vida em abundância -, que é a única que Ele tem e sabe dar. Oxalá que este Verão e estas férias situem a tua vida e a dos teus no seu verdadeiro lugar. Abre-te a Jesus, não gastes mal o tempo, agarra tudo o que te construa, acolhe a energia positiva, sorri e desfruta o belo; e, quando terminem as tuas férias, volta ao trabalho com a satisfação e a alegria de um Verão bem vivido.

parte I Domingos de Verão

A tua alegria

“Tu dás uma alegria maior ao meu Coração do que a daqueles que têm trigo e vinho em abundância, Deito-me em paz e logo adormeço porque só Tu, Senhor, me fazes viver em segurança” Sl 4,8-9

Este pedacinho do Salmo 4 tem-me sempre ajudado muito. Preocupamo-nos e ocupamos a nossa vida procurando a felicidade, queremos viver alegres, a tristeza afastamo-la porque nos tira a vontade de viver e por isso buscamos incansavelmente tudo o que cremos que nos produz satisfação, porque isso alegra-nos.

Nesta busca, muitas vezes enganamo-nos, procuramos uma alegria superficial, passageira, dessas que fazem algazarra, alegria de adega que explode de súbito, mas que, pouco a pouco, vai perdendo gás e se converte quase em água.

Propor a alegria como fio condutor num caderno de oração é falar de uma alegria profunda que surge de dentro, que não tem nada a ver com o exterior, com as coisas, nem com os êxitos, nem com o dinheiro, que tão bem nos pode saber nestes tempos de crise. Nada disso é fonte de verdadeira alegria. Conforme o que lemos acima, no Salmo 4, a verdadeira alegria, essa que chega, se instala e sente no coração, não tem a ver com uma gargalhada, nem com um grande sorriso, nem com uma magnífica aparência; é a que nos vem do Senhor; e repararemos que o interessante é que essa alegria da paz, serenidade, sossego, produz descanso e graças a ela nada há que nos tire o sono, porque só Deus nos faz sentir seguros, nos dá sustentação e consolo. É

precisamente essa a alegria de que necessitamos no nosso corrupio da vida.

Recordo também, agora que São Paulo na carta aos Gálatas nos fala da origem da alegria, donde emana, onde a temos de ir buscar: “*a alegria é um fruto do Espírito, e, juntamente com ela chega-nos o amor, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio de si*”; e, prossegue Paulo, acrescentando “*contra isto não há lei*” (Cfr Gl 5,22), que é o mesmo que dizer, “com a alegria, só pode conviver o bom, não têm razão para proibir-nos o que quer que seja, porque nada do que façamos será mau”.

Neste mês estival, desejo-vos esse género de alegria com que o Senhor nos presenteia; e recordai, não busqueis as migalhas da alegria, procurai a alegria perfeita, essa que não nos será tirada, essa que nem a dificuldade, nem o sofrimento, nem o trabalho, nem os mal-entendidos, nem... nos poderão tirar, porque é a alegria que nos vem de Deus.



Perseverantes na Alegria !...

- Zac 9, 9-10 «Exulta de alegria (...) Eis o teu Rei, que vem ao teu encontro: Ele é justo e triunfante, é humilde (...) Há-de eliminar os carros de combate e os cavalos de guerra. (...) Há-de anunciar a paz às nações: o Seu domínio irá de mar a mar». (Zac 9)
- SI 145, 1-2. 8-9.10-11.13-14 «O Senhor é clemente e compassivo, lento para a ira, rico de misericórdia. O Senhor é bom para com todos, carinhoso para com as Suas criaturas». (Sal
- Rom 8, 9,11-13
- Mt 11, 25-30

144)

«Irmãos: Vós não estais sob o domínio da simples natureza, mas sob o domínio do espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. E, se habita em vós o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus dos mortos, esse Deus, também dará a vida aos vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito, que habita em vós.» (Rom 8)

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu vos aliviarei. Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração. Achareis alívio para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave, e a Minha carga é leve.» (Mt 11)

Viver a Alegria no encontro, na oração, na entrega, no acolhimento...

Quais as razões da nossa alegria, que podemos trazer para a nossa vida e para os outros?

Como perseverar na Alegria?

Que Alegria é essa que não passa?



iver a Alegria... Quando? Onde? Como? Porquê?
Com quem?

Ao rezar estas leituras, descubro algumas pistas sobre o que é Viver a Alegria.

EXULTEMOS DE ALEGRIA porque é DEUS que vem ao nosso encontro...:

- Para nos trazer a paz (Zac 9);
- Para nos acarinhar (Sl 145);
- Para nos habitar (Rom 8), isto é, estar sempre connosco e fazer parte integrante da nossa vida e do nosso ser;
- Para nos abraçar, consolar, aliviar (Mt 11);
- Para nos ensinar como podemos viver melhor (Mt 11).

Paremos um pouco para nos darmos conta desta grandeza, deste privilégio que é deixar que Deus venha ao nosso encontro ou irmos nós ao encontro dele (*“Venham a mim...”* como nos chama Jesus). A Alegria do Encontro... reforçada, pelas palavras do Papa Francisco:

“Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este

é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco».”

No entanto, e apesar de ser tudo tão reconfortante e consolador (e não é que todos nós ansiamos: alívio para as nossas almas?), muitas vezes não é fácil...

parar,

mudar de ritmo,

olhar de forma diferente

obedecer (ser manso e humilde de coração)

deixar-se ajudar

entregar-se

esperar

perseverar

... participar continuamente num dos maiores milagres da nossa vida – o Reencontro, com Deus-Amor, que é a fonte da verdadeira alegria, aconteça o que acontecer!

D. Manuel Clemente, a propósito da exortação apostólica do Papa Francisco, ainda nos dá uma ajuda:

«Sabiam eles que, na Sua Cruz, Cristo nos conquistou a verdadeira alegria, porque inteiramente Se ofereceu a Deus Pai e a todos nós, vencendo toda a espécie de ódio e inimizade. Aí nos deu também o Seu Espírito, para que também possamos vencer em nós mesmos tudo o que nos separa de Deus e dos outros, conquistando assim a

verdadeira alegria, que nada nem ninguém nos poderá tirar, porque vence a própria morte».

«É esta a alegria dos cristãos. Por isso, também São Paulo escreveu: "Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos". (...) Os primeiros cristãos descobriam assim a alegria que não passa. É a nossa vez agora de a redescobriremos também, sempre no mesmo Senhor, presente e disponível!»

√ O que me impede mais de viver esta realidade? Do encontro, da alegria profunda?

√ O que me custa? Quais as minhas resistências? O que posso fazer para ultrapassá-las?

«A alegria cristã é uma realidade paradoxal. Quando Paulo escreve aos Filipenses ("Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos"), está na prisão e perguntamo-nos: como é que um prisioneiro, como é que alguém algemado pode escrever o grande documento sobre a alegria? Este facto desafia-nos a um outro entendimento da alegria.» (in Testemunhar o Bom Humor de Deus, Tolentino Mendonça)

Jesus, ensina-nos a ser mansos e humildes de coração! Para melhor entendermos e vivermos profundamente na nossa vida esta alegria que não passa, aconteça o que acontecer...

1. *A ALEGRIA DO EVANGELHO enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.*

Alegria que se renova e comunica

2. *O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.*

3. *Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a*

sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores.» Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18,22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fuçamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

In EXORTAÇÃO APOSTÓLICA **EVANGELII GAUDIUM**
DO PAPA FRANCISCO



Evangelii Gaudium

Exortação Apostólica

Os Frutos da Palavra

IS 55, 10-11 «(...) assim a palavra que sai da minha boca não volta sem ter produzido o seu efeito, sem ter cumprido a minha vontade» (Is 11)

SI 65 «...Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Elas estão sujeitas à vã situação do mundo, não por sua vontade, mas por vontade d'Aquele que as submeteu, com a esperança de que as

mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza, para receberem a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.» (Rm 8, 19-21)

«(...) Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um. Quem tem ouvidos, oiça.» (Mt 13, 23)

As leituras propostas à nossa reflexão neste Domingo, apesar de escritas por pessoas diferentes e em momentos diferentes, estão numa sintonia perfeita.

Todas elas nos apontam caminhos, mas põem a tônica no nosso trabalho, no nosso trabalho de construção pessoal.

O que posso fazer para que a minha terra seja mais fértil e dê bons frutos?

Falam-nos também de generosidade, da incomensurável generosidade de Deus que nos dá todos os meios (e em abundância) de que precisamos para fazermos o nosso trabalho de construção de uma vida que nos oriente para Ele e espera que façamos o nosso trabalho e sejamos capazes de aproveitar o que nos dá em tão grande abundância.



a leitura do Evangelho deste Domingo, Jesus falava para muitas pessoas. Pessoas essas que, apesar de estarem todas ali, naquele momento e naquele local, eram bastante diferentes entre si e, claro, Jesus tinha consciência dessas diferenças, das diferentes expectativas por que se encontravam naquele local.

A intemporalidade desta leitura é particularmente evidente pois se pensarmos bem, actualmente, Deus continua a falar-nos e até dispomos, se quisermos aproveitar, de meios diversificados para O escutar. Nunca como nos dias de hoje foi tão fácil escutar a palavra de Deus, assim o queiramos: temos livros, jornais, internet, etc... nunca como hoje se conseguiu comunicar com tanta facilidade e penso que, com todos estes meios que temos ao nosso dispor, vale a pena questionar se os aproveitamos da melhor forma.

Ler e interiorizar a Palavra de Deus.

Não é ler por ler, como muitas vezes fazemos de forma automática, como muitas vezes também ouvimos mas não escutamos, e ficar por aí.

Trata-se de ler e interiorizar a Palavra de Deus para ir preparando o terreno, que somos nós, para que Ela possa produzir bons frutos na nossa vida. Em toda a nossa vida: nas relações com outros nos diversos meios nos quais interagimos com eles, quer num contexto familiar, quer social, quer laboral, entre outros.

Tendo presente o que Jesus nos diz, nesta leitura, o que penso que é importante que nos perguntemos é:

1. Que terra sou eu neste momento da minha vida, e como acolho e absorvo a semente de Deus?
2. Que terra quero eu ser para acolher a semente de Deus?
3. O que posso fazer para o conseguir, i.é: para criar condições para que eu própria seja um campo fértil onde esta semente possa germinar e dar frutos em abundância?

As respostas a estas questões não as encontraremos facilmente e necessitamos tempo para reflectir.

Cada um de nós, como aquela multidão para quem Jesus falava, vive situações de vida diferentes, tem idades diferentes, contextos diferentes e encontra-se em diferentes fases do seu caminho e pode não necessitar reflectir em todas estas questões, ou pode fazê-lo seguindo a ordem que se lhe adequar mais, mas uma coisa deve ter presente: independentemente do estádio em que nos encontramos, o 1º passo que podemos, e devemos, dar é pedir a ajuda de Deus para encontrar as respostas, para perceber as Suas respostas, as respostas que Ele nos quer dar e, a partir daí, iniciar ou prosseguir na caminhada para Ele, percorrendo o caminho que tivermos que percorrer na certeza de que nunca o faremos sozinhos, de que nunca estamos sozinhos porque Ele está presente e faz esse caminho também, não por nós, mas conjuntamente connosco, em direcção à alegria verdadeira e incondicional para que Ele nos criou, tendo-nos, ainda assim, dado a liberdade para escolher que caminho queremos fazer.

A Palavra de Deus

«(...)A Palavra do Senhor permanece eternamente. E esta é a Palavra do Evangelho que vos foi anunciada» (1 Pd 1, 25; cf. Is 40, 8). Com esta citação da Primeira Carta de São Pedro, que retoma as palavras do profeta Isaías, vemo-nos colocados diante do mistério de Deus que Se comunica a Si mesmo por meio do dom da Sua Palavra. Esta Palavra, que permanece eternamente, entrou no tempo. Deus pronunciou a Sua Palavra eterna de modo humano; o Seu Verbo «fez-Se carne» (Jo 1, 14). Esta é a Boa Nova. Este é o anúncio que atravessa os séculos, tendo chegado até aos nossos dias.(...) Exorto todos os fiéis a redescobrirem o encontro pessoal e comunitário com Cristo, Verbo da Vida que Se tornou visível, a fazerem-se Seus anunciadores para que o dom da vida divina, a comunhão, se dilate cada vez mais pelo mundo inteiro. Com efeito, participar na vida de Deus, Trindade de Amor, é a alegria completa (cf. 1 Jo 1, 4). E é dom e dever imprescindível da Igreja comunicar a alegria que deriva do encontro com a Pessoa de Cristo, Palavra de Deus presente no meio de nós. Num mundo que frequentemente sente Deus como supérfluo ou alheio, confessamos como Pedro que só Ele tem «palavras de vida eterna» (Jo 6, 68). Não existe prioridade maior do que esta: reabrir ao homem actual o acesso a Deus, a Deus que fala e nos comunica o Seu amor para que tenhamos vida em abundância (cf. Jo 10, 10). (...)»



Benedict XVI

POST-SYNODAL EXHORTATION
ON THE WORD OF GOD

Bento XVI em “Verbum Domini”, Exortação Apostólica Pós-Sinodal

A Alegria brota do Espírito

Sab 12, 13.16-19 «(...) Não há, além de ti, outro Deus que cuide de todas as coisas e a quem devas mostrar que teu julgamento não foi injusto. (...)» (Sab 12, 13)

SI 86 «(...) A tua força é o princípio da tua justiça, e o teu domínio sobre todos te faz para com todos indulgente. (...)» (Sab 12, 16)

Rm 8, 26-27 «O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos que pedir nas nossas orações; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E Aquele que vê no íntimo dos corações conhece as aspirações do Espírito, sabe que Ele intercede pelos santos em conformidade com Deus.» (Rm 8, 26-27)

«(...) Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; o qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos. (...)» (Mt 13, 31-32)

São Paulo dá aos Gálatas a Alegria como fruto do Espírito. Aos Filipenses e como complemento natural do Amor, dá a maior coisa, a qual, segundo ele próprio diz aos Coríntios, é a Caridade.

Parece estranho que não o apercebamos de imediato, talvez isso se fique a dever a uma concepção de Deus que não corresponde ainda a um Deus que é prioritariamente Amor e nos dá tudo o que precisamos. Por que não compreendemos isto?

Na esfera humana temos muita facilidade em perceber e apreender o ideal de prescindir muito do que queremos, ansiamos e esperamos se disso depender a felicidade e/ou o simples bem-estar daqueles a quem amamos. Muitas vezes isso implica contrariar a nossa própria vontade, mas tentamos não o deixar transparecer ou, pelo menos, tentamos que não seja demasiado evidente para aqueles por quem, por amor, sacrificamos a nossa vontade e conformamos a nossa conduta. E sentimos uma alegria imensa quando temos consciência da reciprocidade do amor daqueles a quem amamos. Essa reciprocidade provoca em nós uma alegria, por vezes, inexprimível.

Não é, pois, natural que o mesmo aconteça perante todas as evidências da reciprocidade do amor de um Deus que é Pai, e que nos ama com uma amor tão grande que a nossa capacidade humana nem sequer nos permite ter a consciência do mesmo em toda a sua plenitude?

Oração:

Senhor Meu Deus,

Ajuda-me a não cair na amargura perante as contrariedades da vida e a não esquecer a suprema felicidade do Perdão no que concerne aos que me não tratam como gostaria.

Faz com que minore a minha imperfeição, pondo os olhos na exortação de S. Francisco a prosseguir sem abatimento a cada contrariedade da vida.

Permite que me aproxime um pouco mais de Ti, vencendo as algemas do Tempo expressas nos rancores que me prendem ao Passado e na impermeabilidade ao remorso – tão redutora do Presente. Auxilia-me a vencer uns e outros, de modo a caminhar sempre para Ti, como é Teu desejo.

Encoraja-me na aspiração a uma vivência realmente Cristã, descolada do pântano do apego excessivo e automático aos ritos sem interiorização e reflexão.

Inspira-me no sentido de prescindir cada vez dos meus pequenos anseios sempre que eles tenham a pretensão ou a consequência de concorrer com essoutro, fulcral, que se dirige a Ti.

Faculta-me porém o discernimento *Paulino* para não cair nos exageros ascéticos do orgulho que me impeçam de reconhecer a Glória devida, ao saborear os pequenos prazeres inofensivos (1 Cor. 10,31)

Apoia-me neste impulso de querer ser mais Teu!

Excerto de Fioretti

«Então, Frei Leão, bastante admirado, perguntou-lhe: “Pai, peço-te por amor de Deus que me digas onde está a perfeita alegria”. Então, o santo respondeu: “Quando nós chegarmos ao convento de Santa Maria dos Anjos, totalmente molhados, tremendo de frio por causa da neve, cheios de lama e de fome e batermos na porta e o irmão-porteiro nos disser: “Quem são vocês?” E nós lhe dissermos que somos dois de seus irmãos, mas ele irritado falar: “Não são não! Vocês são dois vagabundos que andam enganando a todos por aí, roubando as esmolas dos pobres. Por isso, fora daqui!” E não nos deixar entrar no convento e fazer com que fiquemos na neve, na chuva e com frio e fome até de noite: então, se suportarmos tudo isso com alegria, sem nos perturbarmos e sem murmurarmos contra ele e até pensarmos humildemente que o porteiro nos reconheceu e nos falou aquilo tudo com a permissão de Deus: aí, sim, irmão Leão, escreve que nisto está a perfeita alegria!»

Fioretti de São Francisco de Assis



Onde está o meu tesouro?

- 1 Rs 3, 5-7 «Em Guibeon o Senhor apareceu a Salomão em sonhos, durante a noite, e disse-lhe: “Pede! Que posso Eu dar-te?” Salomão respondeu: “Tu trataste o teu servo David, meu pai, com grande misericórdia, porque ele andou sempre na tua presença com lealdade, justiça e rectidão de coração para contigo; conservaste para com ele essa grande misericórdia, concedendo-lhe um
- Sl 118
- Rm 8, 28-30
- Mt 13, 44-52

filho que hoje está sentado no seu trono. Agora, Senhor, meu Deus, és Tu também que fazes reinar o teu servo em lugar de David, meu pai; eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar. O teu servo encontra-se agora no meio do teu povo escolhido, um povo tão numeroso que ninguém o pode contar nem enumerar, por causa da sua multidão. Terás, pois, de conceder ao teu servo um coração cheio de entendimento para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal. De outro modo, quem seria capaz de julgar o teu povo, um povo tão importante?” Esta oração de Salomão agradou ao Senhor, que lhe disse: “Já que me pediste isso e não uma longa vida, nem riqueza, nem a morte dos teus inimigos, mas sim o discernimento para governar com retidão, vou proceder conforme as tuas palavras: dou-te um coração sábio e perspicaz, tão hábil que nunca existiu nem existirá jamais alguém como tu.”» (1 Rs 3, 5-12)

«O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.» (Mt. 13,44)

As leituras de hoje falam em como o encontro com Deus transformou tanto estas pessoas, que elas passaram a ver a sua relação com Deus como um tesouro. E como Deus põe esse tesouro à nossa disposição para que O encontremos, para nos “glorificar”, ou seja dar glória, dar felicidade e alegria, para isso Ele nos chama.

O que fiz com esse tesouro? Multipliquei-o? Partilhei-o com os outros? Ou continua no campo abandonado?



Senhor o que é que me faria vender tudo? O que é tão precioso para mim que face a isso, tudo é secundário?

A minha primeira experiência de fé, o meu primeiro encontro com o Senhor e o Seu Amor, foi assim; mudou tudo e tudo passou a ser em função dessa experiência, em função desse tesouro, em função do que entendia e vivia com o Senhor.

O que fiz com esse tesouro? Multipliquei-o? Partilhei-o com os outros? Ou continua no campo abandonado?

Todas as leituras de hoje falam de pessoas que encontraram o seu tesouro na relação com Deus. O salmo partilha a alegria dessa relação “*Louvai o Senhor, o Senhor está comigo nada tenho a temer...*” e na leitura do livro dos Reis, apercebemo-nos que o que Salomão mais valoriza é a sua relação com Deus, pois quando Deus lhe pergunta o que quer, ele pede a sabedoria de Deus, em detrimento de riqueza ou poder e o que pede (discernimento), pede, não para seu proveito, mas para servir melhor a outros. A sua relação com Deus (o seu tesouro) deu-lhe outros valores e referencias. E o Senhor dá-lhe mais do que ele pediu: dá-lhe um coração “*como nunca existiu nem existirá*”. Toda esta

leitura é um diálogo amoroso entre Salomão e Deus, um diálogo carinhoso. Deus pergunta-lhe o que precisa e ele, depois de recapitular a história de amor de Deus com o seu pai e a sua família, desabafa o que o preocupa, partilha com Deus as suas inquietações mais profundas... e Deus surpreende-se com a resposta de Salomão! Deus deixa-se surpreender por nós!

Também me questionava como Salomão fala com Deus. Ele põe o seu problema em perspectiva, iluminado primeiro pela sua experiência de amor com Deus e assim encontra respostas! Como olho os meus problemas? Deixo que sejam iluminados pela experiência de amor que já tenho com o Senhor? Deixo que Ele tenha uma palavra a dizer sobre eles? Partilho-os e busco e procuro respostas com o Senhor? Ou procuro primeiro nos outros as respostas? O que peço ao Senhor? Salomão pede um coração cheio de entendimento para governar o povo de Deus, para discernir entre o bem e o mal... A minha oração tem esta dimensão comunitária? Esta preocupação com o povo de Deus?

Mas o mais bonito disto tudo é que reparava que na leitura de Romanos 8 diz que mais uma vez é Deus quem toma a iniciativa (como com Salomão) e é Ele quem nos chamou... é Ele quem deseja este encontro e chama-nos para sermos *"imagem idêntica à do seu Filho"*. Que expectativa tão grande tem Deus sobre nós! Aquele que melhor nos conhece, chama-nos e acredita que podemos viver uma vida com a mesma qualidade da vida e de amor de Jesus! E aqueles a quem chamou também os *"glorificou"* - entendia esse glorificar, esse dar glória, como sinónimo de dar felicidade e alegria. Essa é a preocupação e o desejo do Senhor para nós.

Onde está hoje a minha alegria? Aquela pela qual vendo tudo o resto? O que estou disposta a vender? Sucesso, dinheiro, aparência, descanso...?

Estamos perto do verão, das férias. Como as vou organizar? O que estou disposta a vender? O que estou disposta a fazer para que a minha relação com o Senhor seja uma prioridade?



«O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.» - Mateus 13, 44

Descobriste um tesouro: o tesouro do amor de Deus. Agora já sabes onde está, mas ainda não estás preparado para o possuir inteiramente. Ainda estás tão dividido. Se possuísses completamente o teu tesouro deverias escondê-lo no terreno onde o encontraste, partir feliz, vender tudo o que tens e regressar para comprar esse campo. Podes sentir-te muito feliz por ter encontrado o tesouro. Mas não deves ser ingénuo ao ponto de pensar que és dono dele. Só quando te tiveres libertado de tudo o resto é que o tesouro poderá ser todo teu.

A descoberta do tesouro faz-te enveredar numa nova busca. A vida espiritual é uma procura longa e muitas vezes árdua do que já encontraste. Só podes procurar Deus quando já o encontraste. Desejar o amor incondicional de Deus é o fruto de ter sido tocado por esse amor. Dado que encontrar o tesouro é apenas o início da busca, tens que ser cauteloso. Se expões o teu tesouro a outros sem o possuíres completamente podes magoar-te e até mesmo perdê-lo. Um amor recém descoberto precisa de ser cuidado num lugar sossegado e íntimo. A exteriorização mata-o. É por isso que precisas de esconder o tesouro e despender a tua energia na venda dos teus bens de modo a poderes comprar o campo onde o escondeste.

Este é muitas vezes um empreendimento doloroso, por que a sensação de quem és está tão intimamente ligada a todas as coisas que possuis: sucesso, amigos, prestígio,

dinheiro, graus académicos, etc. Mas tu sabes que nada te poderá satisfazer a não ser o tesouro. Descobrir o tesouro sem estar completamente preparado para ser inteiramente dono dele tornar-te-á inquieto. Esta é a inquietação na demanda de Deus. É o caminho da santidade. É a estrada para o Reino. É a caminhada para o lugar onde podes descansar.

(Henri Nouwen, A voz íntima do amor)

A alegria do outro

Há provérbios, ditados, refrões que se perderam com o tempo, mas que os nossos avós, com uma profunda sabedoria popular, sabiam, acreditavam e viviam.

Recordo agora um dito “Terás sempre o dobro daquilo que desejares aos outros”.

A nós custa crê-lo, parece que não queremos desejar o melhor ao outro, porque eu fico com o pior, se reparto, fico sem nada, se o outro é feliz, creio que para mim só resta a tristeza, se o outro tem êxito, eu fracasso, se compartilho os meus amigos, acabarei sozinho, se...

Realmente, vivendo assim, a vida empobrece-se, estou sempre em guarda, sempre com medo que me deixem, sempre escondendo, sempre conservando e fechada.

Pensando neste mês de Agosto, quente, alegre, estival, alguns com férias, outros descansados porque já as gozaram, com dias de mar, de montanha, de amigos, de viagens, talvez de outras culturas e outros horizontes, como que me apetece abrir-me, ultrapassar o frio que me tolhe, me resguarda, me esconde, me amedronta, me fecha em mim mesma.

Quero outra vida, e intuo que, para isso, necessito de querê-la não só para mim, se a procuro para os outros também chegará para mim.

Quero escolher ser feliz, experimentar a alegria de viver porque o ser feliz não é questão de destino, é questão de escolha; e eu quero ser feliz, muito feliz, e o “muito”, só se consegue quando ao teu redor também há felicidade.

Experimenta estar alegre quando à tua volta todo o mundo chora, sentir-te-ás ridículo, observado e incompreendido por todos.

Estou convencida de que a nossa alegria passa pela alegria dos outros, a alegria é contagiante e se só eu a tenho, não é alegria, é satisfação egoísta e orgulho desmedido.

A alegria é um fruto do amor, é um fruto do Espírito, o amor abre-nos aos irmãos e convida-nos a contagiarmo-nos com a felicidade e a vida; quando não se ama estamos mortos e a morte é tristeza, obscuridade e falta de vida; se amamos, passamos da morte à vida, das trevas à luz, da tristeza à claridade. Só este círculo de contágio de vida nos faz verdadeiramente alegres, porque a minha alegria participa da alegria do outro e o outro enriquece-se com a minha. Por isso, estai alegres no Senhor, que é Ele que nos convida a viver uma alegria, completa, cheia e contagiante.

O amor que pressupõe sacrifício

Is 55, 1-3 «Porque gastais o vosso dinheiro naquilo que não alimenta? E o vosso salário naquilo que não

Sl 144 pode saciar-vos? Se me escutardes, havereis de comer do melhor, e saborear pratos deliciosos.»

Rm 8, 35.37- (Is 55, 1-3)

39 «O SENHOR é clemente e compassivo, é paciente e misericordioso. O SENHOR é bom

Mt 14, 13-21 para com todos; a sua ternura repassa todas as suas obras.» (Sl 144)

«Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?» (Rm 8, 35.37-39)

«Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram-lhe: “Este sítio é deserto e a hora já vai avançada. Manda embora a multidão, para que possa ir às aldeias comprar alimento”.» (Mt 14, 13-21)

Nada nos separará do Amor de Deus. Do Amor de Jesus. Do Amor de Maria, com quem Jesus aprendeu a amar com amor de mãe. O amor com que nos tratava as feridas em meninos, nos fazia o jantar e nos dava um abraço.

Se pensarmos no amor de uma mãe (de uma boa mãe) por um filho, facilmente nos lembramos de inúmeras situações de sacrifício: das noites sem dormir para amamentar ou para cuidar do bebê, de como larga tudo para se ocupar de um filho doente, de como se sujeita a qualquer trabalho para garantir o sustento de um filho, de como pensa no filho a toda a hora, seja bebê ou já quase adulto... O amor verdadeiro de uma mãe assume os sacrifícios inerentes a cuidar dos filhos, como algo natural. As mães, no meio do cansaço e do desespero de situações difíceis, podem queixar-se mas a realidade é que jamais deixariam os seus filhos para trás...

Na leitura da multiplicação dos pães, é muito curioso como os discípulos pedem a Jesus para mandar embora a multidão por já ser tarde. No fundo, não os assumem como filhos... Mas Jesus, apesar de não haver comida para tanta gente, assume a multidão como responsabilidade sua, como se fossem seus filhos!

Como se refere no texto abaixo, sei o valor que o outro tem verdadeiramente para mim, quando me sacrifico por ele.

Uma mãe não se questiona sobre o grau de compromisso que assume em relação a um filho – vê-o como parte da sua vida, como alguém precioso e cuida dele o melhor que sabe e pode.

Jesus faz isso com TODOS nós!

Jesus é misericordioso com todos, independentemente do seu valor e das suas falhas. Por isso é que S. Paulo intui que não há nada que nos possa separar do amor de Deus. Não há nenhuma dificuldade, nenhum defeito ou entrave

suficientemente forte para Jesus nos deixar sózinhos. Jesus assumiu-nos como responsabilidade sua, desde sempre e para sempre, independentemente das circunstâncias.

Há alturas da vida que nos apetece fugir, não assumir um compromisso ou desfazer algum que já se tenha... mas será que, para mim, a alegria do outro é suficientemente importante para me sacrificar por ele?

“As palavras leva-as o vento” e, em muitos momentos, valem as atitudes de acolhimento que revelam o verdadeiro compromisso que assumimos para com os outros: os de sempre e que estão na nossa vida há muito tempo e os que, por acaso, se cruzam connosco só por uns instantes!



A importância dos outros na nossa vida...

É frequente ouvir dizer que se deve apostar nesta pessoa ou nesta causa, que os compromissos são compromissos. E, contudo, quando chega a hora da dificuldade ou quando aparecem outros interesses e seduções, larga-se tudo, quase como se nada fosse. Só sei verdadeiramente o grau de importância que alguém tem para mim, pela qualidade do sacrifício que faço por essa pessoa.

(Pe Vasco Pinto de Magalhães in **Não Há Soluções, Há Caminhos**)

Os Frutos da Fé

1 Rs 19, 9a.11-13a « (...) O Senhor dará ainda o que é bom e a nossa terra produzirá os seus frutos. A justiça caminhará à sua frente e a paz seguirá os seus passos» (Sl 85, 13-14)

Sl 85 « (...) Logo que a despediu, subiu a um monte, para orar a sós. Ao cair da tarde, estava ali sozinho. (...)» (Mt 14, 22-23)

Rm 9, 1-5

Mt 14, 22-33 « (...) Então, Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus.

Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: “Salva-me, Senhor! ” Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o. Depois disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?” (...)» (Mt 14, 30-32)

Estas leituras falam-nos de Fé, humildade e simplicidade.

Fé para acreditar que para Deus nada é impossível.

Humildade no viver, humildade para reconhecer o que precisamos para caminharmos para Deus e para Lhe pedir que no-lo dê.

Simplicidade para nos abstrairmos do supérfluo que tantas vezes absorve a nossa atenção e nos cansa ao ponto de nos impedir de ver o essencial e conseguir reservar tempos de silêncio para Deus.

Estas leituras evidenciam, também a importância do silêncio para estar com Deus, para o conseguir escutar.

Jesus esteve rodeado de uma multidão mas, porque há um tempo para tudo, ele depois retirou-se, procurou o silêncio para orar, falar com o nosso Pai – Deus. Jesus soube sempre estar atento e agir em conformidade com o que era esperado em cada momento que vivia.

A outra mensagem importante prende-se com o medo e diz-nos, mostra-nos muito claramente que, face à evidência de que a Deus nada é impossível, com Ele podemos superar todos os nossos medos e viver com a certeza que Ele está sempre connosco para nos dar a mão ou levar ao colo.



a Palavra que podemos escutar neste Domingo, salienta-se a importância do silêncio e são-nos lançados desafios.

– Que momentos de silêncio consigo reservar, no meio de todos os meus afazeres e solicitações, para estar com Deus, falar-Lhe, escutá-lo ou simplesmente pôr-me diante dele?

É importante escolher criteriosamente, com cuidado, os momentos que reservamos para falar com Deus e escutá-Lo, para podermos não “apenas” rezar mas rezar melhor. E, para rezar mais e melhor também precisamos da ajuda de Deus e

podemos e devemos pedi-la e Deus incentiva-nos a pedir a Sua ajuda, o que é evidente em inúmeras passagens das Escrituras.

Na verdade, assi como no desempenho das nossas actividades profissionais, no dia-a-dia, há momentos me que somos mais produtivos e outros em que o somos menos e, da mesma forma, devemos questionar-nos:

– Em que momentos reúno melhores condições para rezar? Para estar em relação com Ele? E, depois, na medida do possível, tentar propor como objetivo, reservar e respeitar esse tempo de silêncio para o fazermos efectivamente. Afinal, não cumprimos nós tantas e tantas vezes horários para desempenhar as mais diversas actividades?

Reparemos como Jesus criou essas condições: ficou sozinho.

Outro ponto fulcral desta leitura é que Jesus mandou os apóstolos entrar no barco e percebemos facilmente que as condições climatéricas não eram as melhores. Bem assim, extrapolando para a nossa vida, como nem sempre as nossas condições são as melhores. Vivemos, muitas vezes, momentos tumultuosos e situações verdadeiramente assustadoras e temos medo. É normal que o tenhamos.

Os apóstolos fizeram o que Jesus lhes ordenou, mas sente-se que tinham receio. O vento fazia estremecer o barco...

Depois, mais tarde e depois de ter estado em oração, em silêncio, voltou para junto deles caminhando "...sobre as águas...". Como é natural, eles assustaram-se. Mas Pedro o que faz é um pedido, um pedido em que revela vontade de ir ao encontro de Deus e Fé que Ele o pode ajudar. E tentou corresponder a Jesus que lhe disse para ir ter com Ele. O

problema foi que vacilou na sua Fé e, por isso, sentiu que começava a afogar-se.

Mas Jesus estende-lhe a mão. Estende-lhe a mão.

É isto que Jesus faz a cada um de nós, todos os dias da nossa vida. E fê-lo perceber que foi pela sua falta de Fé que se estava a começar a afogar e não conseguia ir ter com Ele, ou seja: a falta de Fé que Deus nos estende a mão e ajuda a superar as dificuldades é que nos pode dificultar o caminho em direcção a Ele. Jesus mostrou claramente que só com a Fé conseguimos trilhar o caminho em direcção a Deus e seguindo o percurso que, pela oração, ele nos revela que devemos seguir.

Em muitas outras leituras Jesus fala de Fé e diz que a nossa confiança tem que ser total e que se assim for, e total for a união com Ele **nada de mal nos poderá acontecer porque Ele toma sempre conta de nós.**

E eu atrevo-me a dizer que a nossa Fé e a vida à luz dela é, também, a alegria de Deus.

Assim, outro desafio é:

– Pedir a Deus que nos ajude a perceber qual é o caminho que quer que percorramos, e depois pedir-lhe ajuda para o conseguir percorrer com toda a confiança. Sabendo que quando acontecerem coisas difíceis (as tempestades), dolorosas, assustadoras, Ele nos estenderá sempre a Sua mão.

Deus nunca faz o caminho por nós, não nos tira as dificuldades que temos que superar e é suposto que o façamos; elas vão surgindo todos os dias na nossa vida, fruto de muitas circunstâncias que não controlamos mas, também, da nossa liberdade e das opções que graças a ela podemos fazer. Mas dá-nos uma certeza absolutamente consoladora: que nos acompanha sempre na sua superação e nessa caminhada que cada um de nós tem que fazer.



Quem confia apenas em si e não em Deus está destinado à infelicidade

“ (...) “Todos nós temos esta fraqueza, esta fragilidade de depositar as nossas esperanças em nós mesmos, nos amigos, ou apenas nas possibilidades humanas, esquecendo-nos do Senhor. E isso leva-nos ao caminho da infelicidade (...) vai-nos fazer bem questionar: onde está a minha confiança? No Senhor, ou sou um pagão que confio nas coisas, nos ídolos que fiz? Ainda tenho um nome ou comecei a perder o nome e chamo-me por: ‘Eu? Eu, mim, comigo, para mim, apenas eu? Para mim, para mim... sempre aquele egoísmo do ‘Eu’. Não é isso que nos dá a salvação. (...) A nossa confiança está apenas no Senhor, não precisamos de outras coisas, de outras ideologias... Muitas vezes o homem fecha-se em si mesmo, sem horizontes, sem portas abertas e sem salvação (...) E não ter nome é a maldição mais forte de quem confia em si mesmo ou nas suas forças, nas possibilidades dos homens e não em Deus: perder o nome. Qual é o seu nome? Conta número tal, no banco tal. Mas qual é o seu nome? Muitas propriedades, muitas casas... Qual é o seu nome? As coisas que temos, os ídolos. É amaldiçoado o homem que confia nisso”, reiterou.

Se alguns de nós na vida, de tanto confiar no homem e em nós mesmos, acabamos por perder o nome, por perder esta dignidade, ainda existe a possibilidade de dizer esta palavra que é mais do que mágica, que é mais forte: ‘Pai’. Ele espera-nos sempre para abrir uma porta que nós não vemos, e vai-nos dizer: ‘Filho’. Peça-mos ao Senhor a graça de nos

dar a todos a sabedoria de confiar apenas Nele e não nas coisas, nas forças humanas mas apenas Nele (...) no final há sempre uma porta de esperança para aqueles que perderam o nome.”

(Homilia do Papa Francisco em 20 mar 2014 in Agência Ecclesia:
<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=99595>)

O outro em mim

Is 56, 1-7 « (...) Disse ela, porém: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”. Jesus respondeu: “Mulher, grande é a tua fé! Seja feito conforme desejas”. E, naquele mesmo instante, a sua filha foi curada.» (Mt 15, 27-28)

Sl 67 «Vós fostes outrora desobedientes a Deus e agora alcançastes misericórdia, devido à desobediência dos judeus. Assim também eles desobedecem agora, de modo que, devido à misericórdia obtida por vós, também eles agora alcancem misericórdia. Efectivamente, Deus encerrou a todos na desobediência, para usar de misericórdia para com todos.» (Rm 11, 30-32)

Rm 11, 13-15.29-32

Mt 15, 21-28

Bernanos escreveu, num ponto da sua «CORRESPONDÊNCIA»: «saber encontrar a alegria na alegria dos outros é o segredo da felicidade».

É este o segredo da Comunhão Cristã: o contraponto da atenção que os demais exigem, como promotor da nossa descentração.

O mesmo escritor sublinhou, ainda, o quão fácil é odiarmo-nos, residindo a dificuldade maior em nos esquecermos de nós próprios quando, por vezes, deve ser mesmo esse o nosso esforço. Aprender com os erros e arrependermo-nos, sim, mas não ficarmos presos a isso: dar o passo seguinte, ir mais além, abstrairmo-nos de nós e ir ao encontro dos outros.

Nestas leituras apontam-nos um caminho claro: desligarmo-nos das nossas obsessões dirigidas aos nossos pequenos sucessos programados que nos impedem de nos alegrarmos e sentirmos gratos pelas obras que Deus opera em nós e nos que nos rodeiam, e perceber que estas últimas representam um prolongamento do amor de Deus.

E perceber que a este amor devemos corresponder amando e acompanhando o nosso próximo, no qual o nosso Pai - Deus - também está presente.

Muito embora o caminho da total identificação com o contentamento dos que nos rodeiam seja o convite que, a meu ver, se sente de forma particular nestas leituras, muitas vezes, infelizmente, resistimos.

Não é fácil chegar a este ponto, rodeados que estamos de tantas coisas que ferem os nossos valores, mas não podemos pensar que é um mero ideal inatingível e, por isso, desistir.

Devemos, antes, abraçar esse objectivo e tentar, todos os dias, nos diversos contextos em que nos inserimos, dar um passo para nos aproximarmos dele e, paulatinamente, sentiremos a nossa atitude mudar e aprofundaremos a comunhão com o nosso próximo.

Oração

Meu Deus, dá-me a força para me regozijar com a exteriorização da felicidade na Fé dos que me rodeiam, fazendo-a minha, como atalho para mais rapidamente me aproximar da Tua Mão estendida.

Tendo em conta a Lição Evangélica de hoje, extingue os focos de egoísmo que me impedem de ser receptivo ao impulso de outrem e de pôr no mesmo patamar a alegria dos outros e a minha.

Leva-me a, nas mais pequenas coisas do quotidiano, exprimir um contentamento genuíno que nunca fira quem quer que seja, mas, inversamente, tenha o condão de, nas nossas diversidades, me unir aos demais, sem reservas ou constrangimentos, no tributo à Tua Graça.

Encoraja-me a fugir ao azedume, ainda que isso não implique a perda de lucidez nem embarcar em falsas confianças, mas a pôr sempre adiante a Esperança que expurgue de mim a tentação do lamento contínuo e do isolamento.

Socorre-me com a Vitalidade do Teu Espírito, para que, irmanado ao meu semelhante, identifique sempre a Vida verdadeira e a encare como plenamente digna de ser vivida.

«A caridade é a luz que nos revela a coisa mais extraordinária do mundo: o outro. Nem sempre conseguimos essa prodigiosa banalidade, e no meio da multidão sentimos isolados, únicos, como se todas as pessoas que vemos não passassem de sombras, de sinais saídos do nosso interior.

(...) A união da amizade não é um aniquilamento de um no outro, mas o esplendor de uma separação. Os amigos não se desmancham, os santos não se dissolvem, mesmo diante de Deus, mas reúnem-se de mãos dadas e cantam o mesmo louvor, cada um com sua voz, separados e reconciliados. O modelo perfeito do amor é a Santíssima Trindade onde as três pessoas se amam numa mesma separação».

(Gustavo Corção «A DESCOBERTA DO OUTRO»)

A riqueza da Sabedoria de Deus Pai

Is 22, 19-23 «Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?” Eles responderam: “Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas. ”Perguntou-lhes de novo: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.” Jesus disse-lhe em resposta: “És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.” Depois, ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias.» (Mt 16, 13-20)

Nas leituras deste fim-de-semana, especialmente na segunda leitura e no Evangelho, somos convidados a mergulhar na riqueza e na sabedoria de Deus Pai, a admirá-la, a reconhecê-la e a identificar como interagimos com esta grandeza. Reconhecemo-la? Aceitamo-la, ou tentamos adaptá-la à nossa realidade?

E

u acredito profundamente que a riqueza da sabedoria de Deus Pai é inatingível, acho algo encantador maravilhoso e grandioso. No entanto, no meu dia-a-dia, as minhas atitudes revelam muitas vezes o oposto, demonstrando uma capacidade muito diminuta em aceitar aquilo que me é dado, da forma como é dado, desejando muitas vezes um Deus varinha de condão... Nos momentos mais difíceis eu sei Senhor, que estás comigo, mas muitas vezes não resisto em pensar: “se não tivesse acontecido determinada coisa eu estaria melhor”... as dificuldades pelas quais passei, levaram-me a conhecê-Lo melhor, a crescer, a amadurecer... e mesmo assim ainda tenho a tentação de tentar adaptá-lo às minhas teorias.

Quantas vezes eu digo “isto está a acontecer assim porque o Senhor quer que eu...” Será que eu não adapto a imagem de Deus em função das minhas teorias? Será que quando eu tento explicar aos outros a minha vida integrada com o meu Deus não estarei a adaptar a sua imagem àquilo que eu consigo viver Nele?

Quando estou verdadeiramente com o Senhor, quando consigo estar com o Senhor sem pensar em tempos, sem pensar que se calhar alguém está à minha espera na sala, sem pensar em nada que me faça sair do colo do Senhor, sinto que estou envolvida pela grandeza do Amor de Deus e este envolvimento faz-me ir mais fundo no meu ser e a entregar-me com confiança nas Suas mãos... Nos últimos tempos, as situações da vida colocaram-me perante a realidade de não poder realizar um dos sonhos que sempre desejei, o que me deixou “completamente à nora” sem perceber o alcance do projeto que Deus tem para mim. Quando li a leitura de Romanos percebi que o Senhor me

convida a confiar, não a justificar o por que Ele quis assim: simplesmente a confiar Nele, no Seu amor porque "D'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas".

Acreditar na riqueza e na sabedoria do Senhor para mim é acreditar na esperança, na esperança que o amor vencerá. Não a ganância, não a inveja, não o egoísmo, não indiferença...

Hoje, se Jesus me perguntasse quem dizem que é o Filho do Homem eu não saberia o que responder... No ambiente que me rodeia, alguém sabe quem é o Filho do Homem? Procuram o Filho do Homem? Realmente naquele tempo os Judeus esperavam pelo Filho do Homem, no entanto não havia um consenso... Hoje, nos ambientes em que eu vivo sinto muitas vezes que as pessoas não esperam nada... Sobrevivem, e procuram o Filho do Homem no poder, no ter... No meu dia-a-dia, sei quem é o Filho do Homem? Procuro-o na oração? Ou vou atrás do que a sociedade procura?

Como Pedro, se estamos neste momento a rezar é porque em algum momento o Espírito tocou no nosso coração e fomos capazes de identificar que Jesus é o Filho do Homem, é o Messias que veio ao mundo para nos salvar...

O que significa "salvar" para ti, hoje? Para mim hoje, especificamente hoje, o Senhor salvou-me, porque mesmo sendo chateada estupidamente por colegas, o Senhor faz-me ver que o que Ele deseja para mim não é este tipo de ambiente! Ele deseja que eu consiga ser um catalisador para os outros e que tenha uma vida mais cheia do bem... Ele convida-me a construir este bem... Senhor, o que é este bem? Entre o trabalho, casa, Pais sobra tão pouco tempo... Como é que eu posso construir este bem?

Quando passeamos por novas cidades, geralmente visitamos Palácios, Catedrais, Igrejas porque o seu aspeto exterior é apelativo... Será que sendo nós parte desta Igreja da qual Pedro é pedra angular, não fará sentido fazermos algo para que a nossa Igreja também seja apelativa, que irradie mais a alegria da ressurreição, a alegria da esperança? Muitas vezes, imagino a Igreja como uma Catedral em tijolos e cada tijolo é um cristão... Há zonas nas paredes onde há buracos porque não há tijolos, outros estão soltos sem argamassa, e alguns quase a cair, mas também vejo aqueles bem firmes, bem argamassados que conseguem suportar mais esforço do que era suposto sem apresentarem sinais de cansaço, e por muito que a abanem ela continua de pé. Consegues imaginar que tipo de tijolo és? Que tipo de tijolo desejas ser?

No início do evangelho da alegria o Papa Francisco refere que muitos Cristãos vivem continuamente a Quaresma, nem imaginam como isto me fez tocar a minha campanha... Nesta catedral, todos nós devíamos viver a alegria da ressurreição e transmitir esta grande alegria, foi esta a mensagem, a novidade que o Messias trouxe aos homens, foi esta a grande riqueza que Deus Pai me ofereceu. Como exprimo esta alegria? Será que os outros conseguem reconhecê-la em mim?

“Objetivo da minha vida”

«O objetivo da minha vida é que o meu ego deixe de bloquear a imagem original e genuína de Deus, que existe dentro de mim, e que eu permaneça sempre permeável ao seu Espírito.

Tenho confiança de que a minha vida se tornará uma bênção para outras pessoas, de que eu próprio me tornarei uma bênção, se deixar de circular, de forma egocêntrica, à volta do meu próprio sucesso ou de me fixar no meu próprio resultado. Só então serei verdadeiramente livre. Nessa altura, serei verdadeiramente capaz de amar. (...)

Pressinto que o meu objetivo é ser totalmente eu próprio, ser totalmente aquilo para que Deus me designou, sem utilizar Deus a meu favor e sem querer dar provas de mim a mim mesmo.

O meu objetivo é, portanto, tornar-me aquele que sou com origem em Deus, e gerar frutos, tal como Jesus prometeu àqueles que n'Ele permanecem e junto de quem Ele permanece.

E eu sei que só serei verdadeiramente produtivo quando abandonar o meu ego e me tornar totalmente permeável ao amor. Um amor que brota em mim para correr através de mim na direção dos outros e os alegrar.»

(Anselm Grün, em "O Livro das Respostas")

Ser Maior

Jr 20, 7-9 «A mim mesmo dizia: “Não pensarei Nele mais!

Sl 63, 2.3-4.5-6.8-9 Não falarei mais em seu nome!” Mas, no meu coração, a sua palavra era um fogo devorador, encerrado nos meus ossos. Esforçava-me por contê-lo, mas não podia.» (Jr 20, 9)

Rm 12, 1-2 «Tomando-o de parte, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo: “Deus te livre, Senhor!

Mt 16, 21-27 Isso nunca te há-de acontecer!” Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: “Afasta-te, Satanás!

Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!” Jesus disse, então, aos discípulos: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.”» (Mt 16, 22-24)

Na leitura do Evangelho, Jesus repreende Pedro. O que terá sentido Jesus para chegar ao ponto de dizer palavras tão fortes a um amigo? Também eu sou por vezes aquele Pedro. O que sinto? O que me move? Que atitude tenho eu hoje, no momento em que vivo? Amo os que estão à minha volta, como eu gostaria de ser amado, à minha imagem, ou como eles necessitam do meu amor? Pedro ama Jesus à sua maneira, à sua medida e no seu entendimento do projeto de Deus. As suas intenções são boas e nobres, mas para Jesus isso não chega...



ai, nesta partilha da minha oração, quero pedir-te que me ajudes a identificar o Pedro que Jesus compara a Satanás e que mora em mim. O mesmo com Jeremias, não o profeta, mas o homem que acumula cansaço e desalento. O homem que diz: «Não pensarei Nele mais! Não falarei mais em seu nome!». Mas também te peço que me ajudes a ter esperança, a identificar as vezes em que consigo sentir a alegria de Deus que mora em mim. Que me faz amar e sentir o amor de todos à minha volta. Sou este Pedro da leitura quando me refugio na minha solidão, quando não quero conhecer melhor os que me são próximos, quando me esqueço até dos nomes dos outros por mera indiferença. Quando sou um homem que coloco a minha maneira de ser e o que quero para mim e para os outros à frente de tudo. Construo um Deus à minha maneira, que não precisa de ir a Jerusalém para sofrer. Pelo contrário, procuro um Deus que me permita modificar o mínimo da minha vida, que me traga os menores transtornos possíveis. Jeremias sentia o chamamento de Deus, mas estava farto da reação dos homens. Preferia calar esta voz interior, o Deus que fazia brotar uma chama dentro de si. Há domingos em que quando estou pronto para sair para a missa reparo que já estou atrasado, outras vezes nem reparo e simplesmente me faço por esquecer. Deixo que o homem que sou, cheio de fragilidades vença esta voz interior. Mas as coisas mudam radicalmente quando me perco a rezar e deixo que esta voz brote. Torno-me um pai mais atento, mais capaz de discernir o que não me interessa por oposição às coisas boas. Preocupo-me mais em saber como estão os meus familiares, os meus colegas de trabalho, os meus amigos. Procuro rezar a realidade de cada pessoa à minha volta e que precisa do meu apoio. Mais predisposto a aceitar um convite para um

encontro ou um retiro. Chegar a casa e ter um momento especial com a minha família, esforçar-me para criar esse momento. Reservar um tempo para a oração. Às vezes costumo estar atento a esta voz. Senhor, ajuda-me a ser fiel neste caminho de fé e faz-me estar cada vez mais perto de ti.

"Somos dois abismos - um poço fitando o céu."

"Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha. "

(Fernando Pessoa, in "Livro do Desassossego")



A Alegria de Deus

A alegria de Deus não é visível diretamente.

No tempo de Jesus, os discípulos talvez conseguissem saborear a alegria de Jesus nas situações vividas entre eles e com os outros mas, hoje em dia, a alegria de Deus só se pode intuir na nossa própria alegria e na alegria dos outros.

“Se Deus é luz, e tantas religiões usam esta imagem para falar do divino, então Ele é o que não se vê mas faz ver. A luz não é para ser vista, é para iluminar tudo o resto. Se vejo as coisas, e as vejo em profundidade e com o seu verdadeiro sentido, escondido aos olhos comuns, então é porque algo, alguém, me faz ver. Procuras Deus? Olha para o mundo com olhos de ver.” (Pe Vasco Pinto de Magalhães)

Noutro dia, tive a sorte de estar uns minutos no recreio da escola da minha filha durante o intervalo. Sendo uma escola pública, não têm escorregas nem baloiços... Têm um enorme pátio com uma árvore gigante no meio. E, ao olhar para os meninos, a correr de um lado para o outro, a conversar e a sorrir, pensava como a alegria das crianças é pouco exigente, como não precisam de grandes coisas para serem felizes!

Acredito que a felicidade de Deus seja assim: não precisa de muito para se alegrar connosco. Não precisa que façamos grandes feitos para se orgulhar de nós. Acredito ainda que se alegre com pequenos nada da nossa vida aos quais não damos importância. O simples facto de sermos quem somos, deve ser, para Deus, motivo para sorrir. Senão, não nos traria tanta paz sermos quem somos verdadeiramente, e deixarmos de lado as máscaras que nos transformam naquilo que não somos.

“Escrevo com uma balança minúscula como as que usam os joalheiros. Num prato coloco a sombra e no outro a luz. Um grama de luz faz contrapeso a vários quilos de sombra.”
(Christian Bobin)

Se nos pusermos de costas para a luz, podemos ver imensas sombras que nos entristecem o coração: as imperfeições que temos, as dos outros, aquilo que não temos e que os outros têm, o tempo que foge, as frustrações do que não é alcançado, as fragilidades da vida... Podemos acordar todos os dias focados nas sombras ou na luz, mas que bom seria se não nos esquecêssemos que uma grama de luz vale infinitamente mais do que quilos de sombra... Essa é a lógica do amor de Deus, é a alegria de Deus por sermos quem somos e ponto final. Sem mais “ses” nem reticências, porque nós, independentemente daquilo que fazemos, somos a alegria de Deus.

Deus não se impõe. Deus “apaga-se” para nos dar toda a liberdade e protagonismo. Porque a alegria de Deus é sermos quem somos. Se não fosse assim, obrigava-nos a sermos de uma determinada maneira, muito “certinhos” em tudo o que fazíamos.

A paz, essa sim, é uma das luzes que nos podem indicar o caminho da alegria. As sombras não nos trazem paz e, por isso, porquê insistir nelas? Não por obrigação ou deveres morais, mas porque o caminho não é por aí!

“Olhemos para o mundo com olhos de ver” porque, para haver sombra, é preciso haver luz. O engano é que, se nos concentrarmos demasiado nas sombras e estivermos de costas voltadas para a luz, é fácil esquecermo-nos que ela existe!

A Alegria dos outros

As pessoas felizes são aquelas capazes de dedicar-se a alegrias que não lhes pertencem. De conspirar discretamente para que elas aconteçam. De favorecê-las de muitas maneiras.

Acho que me encontrei uma única vez com Miguel Esteves Cardoso.

(...)

Recordo-me que, no breve tempo que durou a refeição, aprendi imensas coisas sobre aquele mundo. Aprendi, por exemplo, que o prato mais exigente da cozinha japonesa, aquele que constitui a prova suprema para qualquer chefe, é... o arroz. Não se deve estranhar. Nada nos pede mais trabalho e arte do que a simplicidade. E foi dessa maneira que, conversa vai, conversa vem, o Esteves Cardoso disse uma coisa que não mais deixou de acompanhar-me. Não sei se seriam exatamente estas as suas palavras, mas era este o sentido: não há nada mais miserável em nós do que não sabermos alegrar-nos com a alegria dos outros. Compreender a dor dos outros e sair-lhes ao encontro é uma regra indiscutível. Mesmo quando pouco podemos fazer para alterar as circunstâncias dolorosas que vivem, a presença é uma confirmação preciosa e necessária daquilo que nenhum sofrimento poderá abalar a certeza de que, aconteça o que acontecer, não estão sós. E todos experimentamos como isso se torna determinante em certas horas. Porém, acompanhar os outros na sua alegria não é tarefa de menor préstimo. Não é certamente por acaso que, em algumas parábolas de Jesus, o pedido a que a alegria seja acompanhada se confunda com as possibilidades de a própria alegria tomar-se o que ela é: júbilo, canto, riso, estremecimento feliz que se

expande. "Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida" (Lc 15.6); "Alegrai-vos comigo, porque encontrei a moeda perdida" (Lc 15.9). E, na mesma linha o pai do filho pródigo explicando ao filho mais velho, perplexo com o perdão concedido àquele seu irmão desencaminhado: "Tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e encontrou-se" (Lc 15,32). Uma alegria que não se possa partilhar parece uma alegria que a meio caminho se rompe, que não chega sequer a consumir-se.

É preciso, contudo, que aprendamos a disponibilidade para nos alegrarmos com o bem que acontece aos outros, e a fazê-lo gratuitamente, sem pensar no que possamos receber em troca. Implica vencermos o tique contínuo de nos compararmos (e, quase sempre, em plano de superioridade); contrariarmos pulsões mesquinhas, mesmo se travestidas de grandes sentimentos ou razões; suspendermos juízos cínicos sobre méritos e deméritos; distanciarmo-nos dessa forma destrutiva de admiração que a inveja é. Bernanos escreveu que "saber encontrar a alegria na alegria dos outros é o segredo da felicidade". As pessoas felizes são aquelas capazes de dedicar-se a alegrias que não lhes pertencem. De conspirar discretamente para que elas aconteçam. De favorecê-las de muitas maneiras. E, por fim, de apagar-se para dar-lhes todo o lugar.

Talvez, para isso, tenhamos de reinventar a gramática humana que utilizamos e, com ela, reinventar itinerários, atitudes e até formas verbais. Como aquela surpreendente, que aparece ligada à alegria num poema de Fernando Pessoa: "Passou a nuvem: o sol volta/ A alegria girassolou."

(Pe. Tolentino Mendonça)

“O Teu nome é a Sua alegria constante”

(Sl 89,17)

Ez 33,7-9 « (...) Assim diz o Senhor: Filho do homem, eu

te constituí sentinela na casa de Israel; logo que escutares um oráculo meu, tu lhe transmitirás esse oráculo de minha parte.» (Ez 33,7)

Sl 94,1-2.6-9

Rm 13, 8-10

« (...) Oxalá vocês escutem hoje o que ele diz: Não endureçam seus corações.» (Sl 64,7-8)

Mt 18, 15-20

« (...) Não fiquem devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo. Pois, quem ama o próximo cumpriu plenamente a Lei.» (Rm 13,8)

« E lhes digo ainda mais: se dois de vocês na terra estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está no céu. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles.» (Mt 18,19-20).

A alegria de Deus é que o homem viva. E a alegria do coração é a vida do homem (Sir 30,22) e Deus quis que essa alegria fosse partilhada com os outros.

É na Comunidade que temos a possibilidade de sentir a presença de Jesus vivo no meio de nós, é nesse espaço privilegiado que Ele se quis fazer presente depois da sua Ressurreição.

Jesus tem consciência que isso não é fácil, devido às dificuldades de relacionamento, devido às nossas fragilidades, pecados, e, por isso, vai reafirmar constantemente que aquilo que gera comunidades autenticamente cristãs, abertas, alegres e comprometidas, não é o facto de procurar a perfeição, não ter discussões ou nos esforçarmos por não errar. A dica é pautar os nossos relacionamentos pela misericórdia, no perdão e no acolhimento, abrindo portas, possibilidades para a conversão, dar uma volta atrás e entrar na vivência da vida em Cristo e da comunhão fraterna.

O Evangelho de hoje traz-nos as exigências do amor fraterno e a promessa da Sua presença sempre no meio de nós.



Todos nós perspectivamos e desejamos viver grandes ideais, no caminho do Seguimento, e em muitos momentos da nossa vida temos tentado viver a perfeição e fugir da mediocridade, das coisas que podem ficar pela metade. Nessas procuras sinceras e desejos de ir mais além, percebemos que nem sempre estamos à altura desse nosso objectivo e que para chegar até ao fim temos que corrigir tudo aquilo que nos afaste desse ideal, da meta que definimos.

Na mensagem deste domingo é o próprio Jesus que vai nos oferecer vários ensinamentos para que possamos viver num

clima de amor e de fraternidade, nos faz tomar consciência que à nossa volta existem outros que também desejam viver o ideal do Evangelho e que experimentam as suas dificuldades.

Podemos questionar-nos: por que é que achamos que a conversão e a mudança têm que acontecer sempre na vida dos outros e não olhamos para a mudança que se tem que operar na nossa vida?

Jesus pede-nos para sermos capazes e ajudar ao irmão que se engana, com afecto, com delicadeza.

Tomar consciência disso mostra-nos como a nossa fé não é de indivíduos solitários, a nossa vivencia da fé é de irmãos que convivem e partilham o caminho da vida, com os seus erros e as suas correcções e superações.

O desafio está em como aprender a lidar com as minhas dificuldades e também com as do outro.

A correcção fraterna tem que estar sempre orientada ao serviço do irmão e, como bem nos mostra o Evangelho, deve realizar-se primeiro a um nível pessoal, de intimidade e de forma delicada e fraterna, mesmo que isso implique uma situação constrangedora para aquele que o faz.

A Palavra de Deus é a Luz que ilumina a nossa vida, os nossos encontros, os nossos relacionamentos, ela mantém-nos em alerta e orienta-nos para que possamos viver a vontade de Deus na nossa vida, o que nos conduz a uma realização plena da nossa humanidade.

Viver em comunidade não é uma tarefa fácil, quer seja numa comunidade de fé cristã, quer seja no seio das nossas próprias famílias. Todos temos experiência disto e, na

comunidade, alguém tem que fazer de sentinela, ajudar a reorientar e introduzir no caminho aquele que se distrai ou desorienta. Esta função tem que ser exercida a partir da descoberta do amor misericordioso de Deus, que salva, implica agir movido pelo amor, que permite a correção fraterna. Assim, se somos inspirados pelo amor as nossas advertências não serão ofensivas nem injustas; assim quem ama o seu próximo cumpre os Mandamentos. A correção fraterna regida pelo amor não nos faz moldar o outro e fazê-lo caminhar segundo os nossos próprios esquemas e lógicas, não se trata de apontar os erros e as debilidades dos outros ocultando, muitas vezes, as nossas.

O Senhor vai indicar-nos qual é o sentido autêntico da correção fraterna, o qual implica que todas as pessoas estejam em comunhão com Deus.

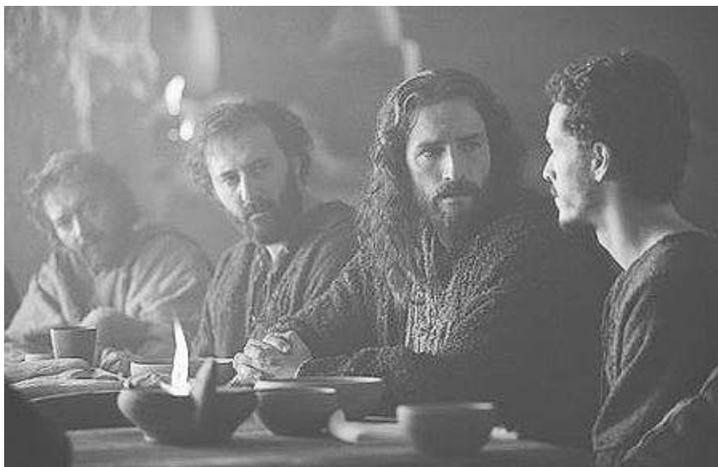
O Papa Francisco remete-nos para esta mensagem do Evangelho, na entrevista que concedeu a António Sapadaro, na Casa de Santa Marta, em 09 de Agosto de 2013:

“Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha...”... «Como estamos a tratar o povo de Deus? Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, tomar a seu cargo as pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, levanta o seu próximo. Isto é Evangelho puro. Deus é maior que o pecado. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores... devem ser

capazes de suportar com paciência os passos de Deus no seu povo, de tal modo que ninguém fique para trás, mas também para acompanhar o rebanho que tem o faro para encontrar novos caminhos”.

A promessa de Jesus é de estar no meio de nós quando estivamos unidos, e isto acontece quando nos dispomos a orar juntos uns pelos outros. E sua alegria é grande quando nos amamos os uns aos outros.

Peçamos, com a força que nos transmite a oração, para sermos capazes de discernir na nossa própria vida, de criar comunidades mais autênticas e comprometidas para que o nosso processo de maturidade na fé possa ir crescendo, e nos permita acolher a correcção fraterna como um caminho de perfeição pessoal, comunitária e de união com Jesus.



O Que É, O Que É?

Gonzaguinha

*Eu fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita, E é bonita
Viver E não ter a vergonha
de ser feliz Cantar e cantar e cantar
a beleza de ser Um eterno aprendiz
Ah meu Deus! Eu sei, eu sei Que a vida devia ser
Bem melhor e será.
Mas isso não impede
Que eu repita É bonita, é bonita, E é bonita*

*E a vida. E a vida o que é? Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração, ela é uma doce ilusão
Hê! Hê!
E a vida, ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento? O que é? O que é?
Meu irmão.*

*Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo
É uma gota, é um tempo, que nem dá um segundo.
Há quem fale que é um divino Mistério profundo
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.*

*Você diz que é luta e prazer, Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer, pois amada não é
E o verbo é sofrer.
Eu só sei que confio na moça, é na moça eu ponho a
força da fé
Somos nós que fazemos a vida como der, ou puder, ou
quiser*

*Sempre desejada por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte. E a pergunta
roda
E a cabeça agita.
Eu fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita*

Deus enviou o seu Filho ao mundo para que o mundo seja salvo por Ele

- Nm 21,4b-9 «Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.» (Fl 2, 6-11)
- SI 77
- Fl 2, 6-11
- Jo 3, 13-17

«Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.» (Jo 3, 13-17)

Como transcrevo estas leituras para a minha vida?

Estou no mundo a servir ou a ser servido? Se Jesus, que era Deus, se tornou servo de todos, que espero eu para sair do meu “púlpito” e deixar de ter a atitude da criança que pensa que é o centro do mundo? Estou disposto a rebaixar-me?



nossa religião acredita num Deus trino: Deus Pai, Jesus Filho e o Espírito Santo. Deus fez-se homem através do seu Filho. Jesus tinha uma imagem humana, Jesus foi homem e Deus simultaneamente. Deus pôs o seu filho no meio dos homens, para que os homens fossem salvos.

Jesus salvou-nos rebaixando-se a si mesmo, tornando-se obediente ao projeto do Pai.

Nenhum de nós está sozinho, nem Deus está sozinho, está com o Seu Filho Jesus. Sozinhos não podemos nada. Jesus rodeou-se de amigos para o ajudarem a espalhar a Boa Nova.

Jesus não veio condenar ninguém v.g.: “(...) *se ninguém te condenou, também eu não te condeno, vai e não tornes a pecar.*”.

Jesus falou pessoalmente com as pessoas que o rodeavam: tanto falava com os sacerdotes do templo, como com a samaritana que encontrou junto ao poço. Para todos tinha uma palavra de salvação.

Jesus veio-nos servir, tomando a condição de servo, um mestre que é servo.

E eu? Estou no mundo a servir ou a ser servido?

Sigo o caminho de Jesus ou sigo o caminho mais fácil, o caminho que o meu vizinho do lado segue?

Em cada dia, em cada situação, estou disponível para servir o outro?

Qual é o meu projeto de vida? É um projeto de partilha dos meus dons com os outros, ou é um projeto só meu que me enriquece só a mim e aos que considero minha família?

Estou disponível para ouvir o outro, como Jesus estava e ouvia todos com quem se cruzava?

Jesus não pode ter vindo ao mundo em vão. Se acredito que ele foi morto e ressuscitou, não posso ficar indiferente, a minha vida não pode ser igual ao vizinho do lado que recusa a existência de Jesus na terra.

Outro dia ouvia um programa de rádio em que a entrevistada recusava a existência de um homem chamado Jesus que tinha passado pela Terra há 2.000 anos! Uma ouvinte telefonou para tentar esclarecer que Jesus era uma figura histórica, mas a entrevistada explicou que tinha direito à diferença e que recusava a existência de tal figura. Se eu acredito que Deus se fez homem e nos veio salvar, a minha vida tem que ser coerente com a mensagem de Jesus. A minha vida deve marcar a diferença de ser cristão, respeitando também aquele que não acredita em Cristo.

Obrigada Pai por nunca desistires de nós, por te manteres fiel, pela tua presença...

Numa troca célebre de cartas entre o cardeal Carlo M. Martini e o agnóstico Umberto Eco, publicadas com o título "In cosa crede chi non crede?", U. Eco escreve:

"(...)Mesmo que Cristo fosse apenas o tema de um grande conto, o facto de esse conto ter podido ser imaginado e querido por bípedes implumes, que só sabem que não sabem, seria miraculoso (miraculosamente misterioso) (...) O Homem teve, a dada altura, "a força, religiosa, moral e poética, de conceber o modelo do Cristo, do amor universal, do perdão aos inimigos, da vida oferecida em holocausto pela salvação dos outros. Se fosse um viajante proveniente de galáxias longínquas e me encontrasse com uma espécie que soube propor-se este modelo, admiraria, subjogado, tanta energia teogónica, e julgaria esta espécie miserável e infame, que cometeu tantos horrores, redimida pelo simples facto de ter conseguido desejar e crer que tudo isto é a Verdade. Mas Jesus não é um simples conto ou um mito. Hoje, ninguém com honradez intelectual põe em dúvida a sua existência e há um acordo de base quanto a dados históricos fundamentais(...)".

(Excerto de crónica de Padre Anselmo Borges, dez 2012)

A Alegria da Conversão

- Is 55, 6-9 «Procurai o Senhor (...) invocai-O enquanto estiver próximo. Converta-se ao Senhor (...)
- Sl 145, 2-3.8-9.17-18 Os meus pensamentos são diversos dos vossos e os vossos caminhos diferentes dos meus. Tanto quanto os Céus estão acima da Terra, assim os Meus caminhos estão acima dos vossos, e acima dos vossos estão os Meus pensamentos.» (Is 55)
- Fl 1, 20-24.27 «O Senhor é clemente e compassivo, lento para a ira, rico de misericórdia. O Senhor é bom para com todos, carinhoso para com as Suas criaturas.» (Sl 144)
- Mt 20, 1-16 «Para mim, viver é Cristo, e morrer, um lucro.» (Fl 1)
- «Ide vós também para a vinha. (...) Amigo, eu não te prejudico! Não foi um denário que ajustaste comigo? Leva o que é teu e segue o teu caminho. Eu quero dar a este último o mesmo que te dei a ti. Não me será permitido fazer o que quero do que é meu? Ou será rancoroso o teu olhar por eu ser bom? Assim é que os últimos serão dos primeiros e os primeiros serão dos últimos.» (Mt 20)

Não poderá o Senhor fazer o que lhe aprouver do que é seu? E o que é seu? O Amor, a Paz, a Justiça e a Fidelidade.

Como vivemos todas estas coisas que Deus nos dá em abundância?



Este Evangelho deixa-me sempre nervoso. Talvez porque se prenda com o reconhecimento do esforço, do trabalho. Sempre achei que, apesar de tudo, era pouco justo pagar a todos o mesmo. E aquela ideia de pagar primeiro aos que trabalharam menos é, no mínimo, provocadora. Estava-se mesmo a ver que ia dar a polémica que deu. A parábola acaba com o dono da vinha a chamar invejosos aos desgraçados que trabalharam o dia todo!

É um pouco exagerado só para deixar claro que nos podemos aproximar do Senhor em qualquer momento da nossa vida. Demasiado duro só para marcar que não eram apenas os Judeus que se podiam salvar, nem necessariamente os que sempre acreditaram no Senhor os que mais o amam.

E o pior é que facilmente nos identificamos com os que começaram a trabalhar bem cedo ou, na melhor das hipóteses, a meio da manhã. E é tão fácil cair na tentação de comparar com a nossa realidade profissional, económica, social...

- **A que damos valor? De que temos inveja?**

Mas desta vez houve uma pergunta que ficou a ressoar na minha cabeça: Não poderá o Senhor fazer o que lhe aprouver do que é seu? Sim, claro mas, e o que é seu?

É o Amor pleno e absoluto, sem limites nem condições.

O amor de quem está sempre lá para nos receber. O amor de Pai, que não se importa quando chegas nem que caminho percorres, desde que acabes por chegar até Ele. Não é que Ele deseje que sofras, te afastes ou erres repetidamente; apenas valoriza mais o momento em que O reconheces como

Pai e desejas estar o mais próximo possível Dele. Aí, Ele abre os braços e trata-te carinhosamente, como diz o Salmo.

É a Paz total e definitiva.

Bem diferente da paz do Mundo que dura sempre tão pouco. A mim acontece-me bastas vezes o mesmo: estou em paz até voltar o desassossego de uma nova “necessidade” ou “insatisfação”. Estamos habituados a ser tão inquietos que nos perturbamos constantemente a nós próprios em vez de saborearmos o que vivemos. E não se trata de nos acomodarmos mas de sermos minimamente agradecidos pelo muito que temos.

É a Justiça absoluta, sem preconceitos nem imperfeições.

Estamos habituados a uma justiça flexível, que serve melhor uma das partes, de preferência a nossa... Diz o povo que todos somos maus juízes em causa própria. Isso é apenas o reflexo de a nossa justiça estar afastada da justiça do Senhor tanto como o nosso coração está afastado do nosso próximo. Quando e sempre que conseguirmos verdadeiramente amar o próximo como a nós mesmos, seremos infinitamente justos...

É a Fidelidade inabalável.

A fidelidade de quem nos dá o que promete, que não nos defrauda em nada. A fidelidade de quem permanece sempre, enquanto nós vamos e vimos como as ondas do mar da nossa vida. O maior *Tsunami* não moveria a nossa fidelidade um só milímetro se a nossa fé fosse suficientemente grande.

Uma vez mais termino com uma oração a pedir ao Senhor que continue a aumentar a minha fé. E não lhe peço mais nada, pois é o que basta para continuar a desfrutar a minha conversão.

*Mudai os vossos corações...
Não há conversão sem mudança de coração:
mudar de lugar não é solução;
mudar de actividade não é solução.
A solução é mudar os nossos corações.
E como os mudamos?
Rezando.*

(Madre Teresa)

“Jesus, nossa esperança, ao seguir-Te, escolhemos amar com a compaixão do coração. Tu queres para nós uma alegria do Evangelho, por mais ténue que ela possa ser. E, mesmo quando o nosso íntimo é assaltado pelo sofrimento das contradições, faz com que nos abandonemos a Ti, Cristo, procurando entregar-Te e confiar-Te o que poderia pesar muito sobre nós...”

(Irmão Roger, de Taizé)

A Fidelidade à Vontade De Deus

- Ez 18, 25-28 «Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: “Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: ‘Filho, vai hoje trabalhar na vinha’. Mas ele respondeu-lhe: ‘Não quero’. Depois, porém, arrependeu-se e foi. O homem dirigiu-se ao segundo filho e falou-lhe do mesmo modo. Ele respondeu: ‘Eu vou, Senhor’. Mas de facto
- Sl 25, 4-5.6-7.8-9
- Fl 2, 1-11
- Mt 21, 28-32

não foi. Qual dos dois fez a vontade ao pai?”. Eles responderam-Lhe: “O primeiro”» (Mt 21, 28-32)

«Se há em Cristo alguma consolo, algum conforto na caridade, se existe alguma comunhão no Espírito, alguns sentimentos de ternura e misericórdia, então completai a minha alegria, tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração. Não façais nada por rivalidade nem por vanglória; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros. Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus.» (Fl 2, 1-5)

Deus pede-nos fidelidade: fidelidade ao amor recebido, à vida que nos foi dada, a todos os dons que Ele concede a cada um, a tudo quanto tem feito em nós ao longo da vida...

Mas Ele é o primeiro a ser fiel. E Deus é fiel, independentemente da nossa resposta.

O “sim” de Deus é permanente e eterno: o nosso “não” é assim – é intermitente, oscilante, vacilante; depende das situações, às vezes do nosso estado de espírito ou da nossa vontade. Somos como estes dois filhos de que o Evangelho de hoje nos fala.

E nós, quando fazemos a vontade do Pai...?

Quando somos fieis ao que Ele nos pede. Quando, mesmo sabendo-nos frágeis e incapazes, acreditamos firmemente que a fidelidade de Deus gerará a nossa e que do “sim” de Deus brotará o nosso “sim”.



Nunca este texto do Evangelho me pareceu tão atual como desta vez: a crise economico-social e a crise de valores, as muitas promessas não concretizadas feitas pelos políticos, a dificuldade em assumir compromissos e em viver em conformidade com eles, ... –, e muitas outras coisas que poderia acrescentar.

Deus pede-nos fidelidade: fidelidade ao amor recebido, à vida que nos foi dada, a todos os dons que Ele concede a cada um, dia a dia, a tudo quanto tem feito em nós, por nós e através de nós, ao longo da vida...

Mas Ele é o primeiro a ser fiel. Ele é Aquele que nunca nos desilude! Desde os tempos mais antigos que o povo de Israel fez esta experiência: fossem quais fossem as circunstâncias, Deus nunca os abandonou! “O Seu amor se estende de geração em geração (...)” – diria Maria, no Magnificat,

contemplando o agir de Deus, num olhar agradecido sobre a História da Salvação.

Deus é fiel, independentemente da nossa resposta. Israel esqueceu muitas vezes o seu Deus, zangou-se com Ele, adorou outros deuses, voltou atrás no caminho indicado, negou os Seus convites, afastou-se Dele... Mas Deus nunca desistiu!

Os amigos de Jesus, os mais íntimos, aqueles que Ele escolhera, um a um, e que tinham andado sempre com Ele, no momento mais difícil, trairam-No, deixaram-No só, disseram que não O conheciam, fugiram, duvidaram... Mas Ele não abdicou daqueles a quem chamava Seus! Ao ressuscitar, foi a eles que Ele se manifestou em primeiro lugar: procurou-os, foi ao seu encontro, apareceu-Lhes, mesmo quando eles estavam *“de portas fechadas, com medo”*, desiludidos e descrentes. E reconduziu-os à fé e à amizade com Ele, deu-lhes o Seu próprio Espírito, fez deles anunciadores da Palavra e transmissores de Vida, tornou-os homens novos!

O “sim” de Deus é permanente e eterno: o nosso não é assim – é intermitente, oscilante, vacilante; depende das situações, às vezes do nosso estado de espírito ou da nossa vontade. Somos como estes dois filhos de que o Evangelho de hoje nos fala.

Aos desafios de Deus, respondemos: “Não quero”. Depois, arrependemo-nos e fazemos. Noutras alturas, dizemos: “Eu vou, Senhor”; mas, de facto, não vamos. E vamos sendo, umas vezes, um destes filhos, outras vezes, o outro.

“Qual dos dois fez a vontade ao pai?” – perguntou Jesus – Eles responderam-Lhe: “O primeiro”.

E nós, quando fazemos a vontade do Pai? Quando somos fieis ao que Ele nos pede. Quando, apesar da nossa rebeldia ou da nossa fraqueza, somos capazes de nos ultrapassar e confiar inteiramente Nele. Quando, para lá daquilo que nos apetece (“Não quero” pode ser a primeira reação), pomos a vontade de Deus à frente da nossa. Quando procuramos escutá-Lo a Ele mais do que a nós mesmos, ou ao mundo que nos cerca. Quando, mesmo sabendo-nos frágeis e incapazes, acreditamos firmemente que a fidelidade de Deus gerará a nossa e que do “sim” de Deus brotará o nosso “sim”.

“Aquele que fizer a vontade de meu Pai, esse é Meu irmão e Minha irmã.” (Mt 12, 50)

“Nem todo o que diz “Senhor, Senhor!” entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai.” (Mt 7, 21)

“Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus.” (Fl 2, 5)

Oração, Perdão e Libertação

*“...Mostrai-me, Senhor, os Vossos caminhos,
ensinai-me as Vossas veredas.
Guiai-me na Vossa verdade e ensinai-me,
porque Vós sois Deus, meu Salvador:
em Vós espero sempre.*

*Lembrai-Vos, Senhor, das Vossas misericórdias
e das Vossas graças que são eternas.
Não recordeis as minhas faltas
e os pecados da minha juventude.
Lembrai-Vos de mim segundo a Vossa clemência,
por causa da Vossa bondade, Senhor.*

*O Senhor é bom e recto,
ensina o caminho aos pecadores.
Orienta os humildes na justiça
e dá-lhes a conhecer os seus caminhos...”*

(Salmo 24 (25)- Excertos)

“O Evangelho e a vida”

“ (...) Há duas maneiras de nós estarmos na vida diante de Deus e que se refletem no modo como nos colocamos diante dos outros: podemos estar cheios de nós, pensar e agir como se não precisássemos de nada e de ninguém; podemos preocupar-nos apenas em “aguentarmo-nos”, em agarrar “com unhas e dentes” aquilo que julgamos já ter (...). Esta é uma maneira muito triste de viver, mas infelizmente mais comum do que parece...

E há uma outra maneira de viver a que Jesus nos convida, que exige de nós assumir a nossa própria verdade: somos finitos, limitados, muitas vezes até carentes de Deus e carentes dos outros... Daí que sejamos chamados, como diria São Paulo, a viver em ação de graças, abertos a nos corrigirmos e aperfeiçoarmos, voltados para Deus, pedindo-Lhe constantemente que nos ajude a progredir, que nos “acrescente” interiormente. Esta é outra maneira de viver! Mas nós temos de optar por ela constantemente.

Em tempo de “crise” somos confrontados de forma ainda mais premente com o desafio de perceber e decidir o que é preciso mudar concretamente na maneira de estarmos, de nos comportarmos uns com os outros, naquilo que exigimos ou deixamos de exigir aos outros, na nossa atitude face às coisas de que dispomos, ou não dispomos já...

Requer-se, agora, de modo muito particular, uma atitude de disponibilidade da nossa parte para que tudo aconteça segundo Deus, nosso princípio e nosso fim, a única garantia do que temos e somos.

Se não tivermos esta disponibilidade, corremos o risco de uma enorme frustração, porque ninguém nos dá tudo aquilo de que nos julgamos merecedores; acabamos insatisfeitos, porque só estamos satisfeitos connosco e, em relação aos outros, estamos sempre numa atitude de credores.

(...) a necessidade de se colocar na vida, diante de Deus, diante dos outros, com humildade. Sem esta atitude, o que é a vida cristã? Não é vida cristã!...”

(CLEMENTE, Manuel – O Evangelho e a vida. Lisboa: Lucerna, 2013. (pp. 262-263) - Excertos)



parte II Textos da Igreja

Santa Missa e Canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II Homilia do Papa Francisco

Praça de São Pedro

II Domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 27 de Abril de 2014

No centro deste domingo, que encerra a Oitava de Páscoa e que São João Paulo II quis dedicar à Misericórdia Divina, encontramos *as chagas gloriosas de Jesus ressuscitado*.

Já as mostrara quando apareceu pela primeira vez aos Apóstolos, ao anoitecer do dia depois do sábado, o dia da Ressurreição. Mas, naquela noite – como ouvimos –, Tomé não estava; e quando os outros lhe disseram que tinham visto o Senhor, respondeu que, se não visse e tocasse aquelas feridas, não acreditaria. Oito dias depois, Jesus apareceu de novo no meio dos discípulos, no Cenáculo, encontrando-se presente também Tomé; dirigindo-Se a ele, convidou-o a tocar as suas chagas. E então aquele homem sincero, aquele homem habituado a verificar tudo pessoalmente, ajoelhou-se diante de Jesus e disse: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28).

Se as chagas de Jesus podem ser de *escândalo para a fé*, são também a *verificação da fé*. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós, sendo *indispensáveis para crer em Deus*: não para crer que Deus existe, mas sim *que Deus é amor, misericórdia, fidelidade*. Citando Isaías, São Pedro escreve aos cristãos: «pelas suas chagas, fostes curados» (1 Ped 2, 24; cf. Is 53, 5).

São João XXIII e São João Paulo II *tiveram a coragem de contemplar as feridas de Jesus, tocar as suas mãos chagadas e o seu lado trespassado*. Não tiveram vergonha da carne de Cristo, não se escandalizaram d'Ele, da sua cruz; não tiveram vergonha da carne do irmão (cf. Is 58, 7), porque em cada pessoa atribulada viam Jesus. Foram dois homens corajosos, cheios da *parresia* do Espírito Santo, e deram testemunho da bondade de Deus, da sua misericórdia, à Igreja e ao mundo.

Foram sacerdotes, bispos e papas do século XX. Conheceram as suas tragédias, mas não foram vencidos por elas. Mais forte, neles, era Deus; mais forte era a fé em Jesus Cristo, Redentor do homem e Senhor da história; mais forte, neles, era a misericórdia de Deus que se manifesta nestas cinco chagas; mais forte era a proximidade materna de Maria.

Nestes dois homens contemplativos das chagas de Cristo e testemunhas da sua misericórdia, habitava «*uma esperança viva*», juntamente com «*uma alegria indescritível e irradiante*» (1 Ped 1, 3.8). A esperança e a alegria que Cristo ressuscitado dá aos seus discípulos, e de que nada e ninguém os pode privar. *A esperança e a alegria pascais*, passadas pelo crisol do despojamento, do aniquilamento, da proximidade aos pecadores levada até ao extremo, até à náusea pela amargura daquele cálice. Estas são a esperança e a alegria que os dois santos Papas receberam como dom do Senhor ressuscitado, tendo-as, por sua vez, doado em abundância ao Povo de Deus, recebendo sua eterna gratidão.

Esta esperança e esta alegria respiravam-se na *primeira comunidade dos crentes*, em Jerusalém, de que falam os Actos dos Apóstolos (cf. 2, 42-47), que ouvimos na segunda Leitura. É uma comunidade onde se vive *o essencial do Evangelho*, isto é, o amor, a misericórdia, com simplicidade e fraternidade.

E esta é a imagem de Igreja que o Concílio Vaticano II teve diante de si. João XXIII e João Paulo II colaboraram com o Espírito Santo para *restabelecer e actualizar a Igreja segundo a sua fisionomia originária*, a fisionomia que lhe deram os santos ao longo dos séculos. Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja. Na convocação do Concílio, São João XXIII demonstrou uma delicada *docilidade ao Espírito Santo*, deixou-se conduzir e foi para a Igreja um pastor, um guiado, guiado pelo Espírito. Este foi o seu grande serviço à Igreja; por isso gosto de pensar nele como o *Papa da docilidade ao Espírito Santo*.

Neste serviço ao Povo de Deus, São João Paulo II foi o *Papa da família*. Ele mesmo disse uma vez que assim gostaria de ser lembrado: como o Papa da família. Apraz-me sublinhá-lo no momento em que estamos a viver um caminho sinodal sobre a família e com as famílias, um caminho que ele seguramente acompanha e sustenta do Céu.

Que estes dois novos santos Pastores do Povo de Deus intercedam pela Igreja para que, durante estes dois anos de caminho sinodal, seja dócil ao Espírito Santo no serviço pastoral à família. Que ambos nos ensinem a não nos escandalizarmos das chagas de Cristo, a penetrarmos no mistério da misericórdia divina que sempre espera, sempre perdoa, porque sempre ama.

parte II _____ Canonização de João XXIII e João Paulo II
Papa Francisco



Regina Coeli

Praça de São Pedro
Domingo, 18 de Maio de 2014

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, a leitura dos *Actos dos Apóstolos* faz-nos ver que também na Igreja das origens emergem as primeiras tensões e divergências.

Na vida existem conflitos, o problema é como enfrentá-los. Até àquele momento, a unidade da comunidade cristã tinha sido favorecida pela pertença a uma única etnia, a uma só cultura: a judaica.

Mas quando o cristianismo que, por vontade de Jesus, se destina a todos os povos, se abre ao âmbito cultural grego, vem a faltar esta homogeneidade e surgem as primeiras dificuldades. Naquele momento insinuam-se o descontentamento, há lamentações, correm vozes de favoritismos e desigualdades de tratamento. Isto acontece também nas nossas paróquias! A ajuda da comunidade às pessoas em dificuldade — viúvas, órfãos e pobres em geral — parece privilegiar os cristãos de extracção judaica em relação aos demais.

Então, diante deste conflito, os Apóstolos dominam a situação: convocam uma reunião alargada também aos discípulos, discutem juntos a questão. Todos. Com efeito, **os problemas não se resolvem fazendo de conta que não existem!** E é bom este confronto espontâneo entre os pastores e os outros. Por conseguinte, chega-se a uma distribuição das tarefas. Os Apóstolos fazem uma proposta que é aceite por todos: eles dedicar-se-ão à oração e ao

ministério da Palavra, e sete homens, os diáconos, ocupar-se-ão do serviço nos refeitórios para os pobres. Estes sete não são escolhidos por serem peritos em negócios, mas por serem homens honestos e de boa reputação, cheios de Espírito Santo e de sabedoria; e são constituídos no seu serviço mediante a imposição das mãos por parte dos Apóstolos.

E assim, daquele descontentamento, daquelas lamentações, daquelas vozes de favoritismos e desigualdades de tratamento, chega-se a uma solução. Confrontando-nos, discutindo e rezando, assim se resolvem os conflitos na Igreja. Confrontando-nos, discutindo e rezando. Com a certeza de que os falatórios, as invejas e os ciúmes nunca nos poderão levar à concórdia, à harmonia e à paz. Também ali foi o Espírito Santo quem coroou este entendimento e isto faz-nos compreender que quando deixamos que o Espírito Santo nos guie, Ele conduz-nos à harmonia, à unidade e ao respeito dos diversos dons e talentos. Compreendestes bem? Nenhum mexerico, nem invejas, nem ciúmes! Claro?

A Virgem Maria nos ajude a ser dóceis ao Espírito Santo, para que saibamos estimar-nos reciprocamente e convergir cada vez mais profundamente na fé e na caridade, mantendo o coração aberto às necessidades dos irmãos.

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Julho

13 a 18	<i>Porto de Mós</i>	Guitar Camp para jovens
22 a 28		Peregrinação a Santiago para adolescentes – Porto
23jul a 24ago		Missão em Cabo Verde
25 a 1 ago		Retiro de Silêncio para jovens

Agosto

1 a 7		Peregrinação a Santiago para adultos – Porto
2 a 9	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
17 a 24		Retiro de Silêncio no Porto
24 a 27		Experiência de Oração no Porto
23 a 30	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Setembro

3 a 7	<i>Vale de Lobos</i>	Campo de Trabalho
19 a 21	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
26 a 28	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

www.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com